

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE FÍSICA: UMA QUESTÃO DE ESTILO?

THE INITIAL FORMATION OF PHYSICS TEACHERS: A QUESTION OF STYLE?

Ana Lúcia Pereira Baccon¹
Sergio de Mello Arruda²

¹Doutoranda em Ensino de Ciências e Educação Matemática / UEL – analpbaccon@hotmail.com

²Departamento de Física/UEL – renop@uel.br Com apoio do CNPq – Brasil

Resumo

Esse trabalho apresenta algumas reflexões a respeito da influência que o *estilo do professor* pode ter na construção do *estilo de ministrar aulas do estagiário*. A análise se centrará principalmente nas impressões dos estagiários sobre as suas experiências como professor e sobre as atitudes do professor do colégio durante a regência de classe. A relação estabelecida entre o analista e o analisando durante uma psicanálise nos inspirou para pensar a relação entre o professor e o aluno de forma semelhante. Assim como o analista pode transmitir um estilo ao analisando, buscamos fazer uma analogia, na relação professor-aluno durante o estágio supervisionado, buscando perceber marcas desse estilo no modo com que os estagiários ministram suas aulas.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Formação de Professores; Estilo do professor; Psicanálise e Educação.

Abstract

This work presents some reflections concerning the influence that the teaching style of the teacher may have in the construction of the teaching style of the trainee. The analysis will be centered mainly in the impressions of the trainees on its experiences as teacher and the attitudes of the school teacher during the classroom regency. The relation established between the analyst and analyzing during an analysis inspired us to think the relationship between the teacher and the pupil of similar form. As well the analyst, who may transmit a style to the analyzing, we make an analogy, in the relationship between teacher and pupil during the supervised period of training, trying to perceive marks of this teaching style in the way that the trainees give its lessons.

Keywords: supervised training; teachers formation; teaching style; Psychoanalysis and Education

INTRODUÇÃO

A educação torna-se cada dia mais imprescindível para o cidadão. Cabe a ela garantir a aprendizagem de habilidades e conteúdos indispensáveis para a vida em sociedade, proporcionando ao aluno capacidade para o desenvolvimento da autonomia, espírito investigativo, dando significados aos seus conhecimentos. No entanto, educar na pós-modernidade, tem sido um grande dilema, diante dos desafios encontrados com as mudanças tecnológicas e ambientais que ocorreram no final do século XX e início do novo século. Por isso,

a Educação hoje no Brasil se vê diante de muitas interrogações que passaram a ser o centro de uma sociedade que até mesmo põem em risco a própria sobrevivência em busca do bel prazer, diante de possibilidades infinitas de consumo e prazer.

Apesar, da concorrência desigual, desleal e dos desencontros da sociedade pós-moderna com educação, há algo ou algum discurso que ainda sustenta a relação professor-aluno. Portanto, para educar nos dias atuais, é necessário ultrapassar as paredes e muros das escolas, na tentativa de diminuir o distanciamento entre a escola e a comunidade. No Brasil, todo ano, as universidades e faculdades formam milhares de novos professores, que possivelmente, farão parte dessa imensa rede de relações que se estabelece entre a escola e sociedade. Podemos nos perguntar então: qual é o “lugar” do educador, do seu ensino e de sua mediação? Quais serão os conhecimentos emergentes a serem transmitidos, que permitem aos cidadãos assumirem plenamente suas responsabilidades? Quais serão as novas ferramentas, o novo papel do professor como mediador nesse início de século?

Todas as perguntas, destacadas acima nos remete a uma questão muito importante: como anda a formação inicial desses professores? Que valor é dado a essa questão no interior de nossas universidades? Será que o professor recém formado está pronto para assumir tamanha responsabilidade? O professor pode construir, intervir e sustentar o processo de ensino e aprendizagem, como sujeito ativo nesse processo, nas relações estabelecidas na sala de aula. Portanto, podemos apontar aqui, que a formação inicial, o estágio supervisionado, as experiências que o futuro professor vivencia na graduação é de muita valia.

Durante a sua formação, o estagiário, futuro professor, tem a possibilidade de se defrontar com inúmeras situações que podem levá-lo a refletir, a construir alguns saberes, e até mesmo, ter a certeza se realmente deseja continuar na sua busca por ser professor. Portanto, no interior de nossas escolas, o estagiário deve ser respeitado e fazer parte do processo educativo. Além das possibilidades citadas acima, durante esse processo, o estagiário tem a oportunidade de estar diante das mais variadas situações que podem ocorrer nesse contexto, analisando e avaliando as atitudes do professor regente.

Mesmo sabendo que o que pode ocorrer no contexto escolar é imprevisível, podemos apontar aqui, que o “estilo” do professor regente de classe, pode servir de modelo para despertar no estagiário o gosto, o desejo em ser professor, demonstrando assim, que “o ser professor” vai além do que é visível num primeiro momento no contato entre professor, alunos e estagiários.

Como nesse trabalho vamos fazer uma ponte com a Psicanálise, alguém pode se perguntar: será que a Psicanálise poderia trazer alguma contribuição à Educação? A resposta é “sim”. Os sintomas que surgem no contexto escolar são interessantes e servem de objeto de estudo à Psicanálise. Além disso, temos como o objeto de estudo algo em comum, o “sujeito desejante” que se estrutura por meio da “fala”. Na busca por essas contribuições, o presente trabalho faz uma analogia entre o “estilo do analista” e o “estilo do professor”, refletindo sobre o “lugar do professor”, do seu ensino, da sua mediação na formação do estagiário e principalmente, o quanto o estilo do professor influencia na construção do estilo do estagiário, no seu modo de ministrar aulas, como futuro professor.

DO ESTILO DO ANALISTA AO ESTILO DO PROFESSOR

No senso comum, a palavra estilo pode ser definida como: “1. Modo de exprimir-se falando ou escrevendo. 2. A feição típica de um artista, um escola artística, uma época, uma cultura, etc. 3. Maneira de tratar, de viver, procedimento, conduta, modos. 4. Maneiras ou traço

pessoal no agir, na prática de um esporte, na dança, etc” (Aurélio, 2000:295). Podemos perceber pelas definições trazidas aqui, que estilo pode ser desde um modo de alguém se exprimir, sendo em um discurso ou em um livro, uma obra ou até mesmo, como algo muito singular que expresse a feição, o modo de agir, de viver de um sujeito.

O senso comum nos permite muitas vezes, distinguir ou mesmo erroneamente classificar, os que possuem estilo e os que não possuem, considerando-o como um dom nato, ou uma qualidade desenvolvida. No contexto da psicanálise, podemos considerar a definição 4, como “maneiras ou traços pessoal no agir” ou seja, como algo pessoal, que representa a singularidade de um sujeito, sem buscar classificar o seu estilo em “bom” ou “ruim”, “certo” ou “errado”. Lacan abre a coletânea os “Escritos” com uma frase de Buffon que diz: “o estilo é o próprio homem” (LACAN, 1998, [1966]:9). No entanto, Lacan busca estendê-la uma pouco mais, dizendo: “o estilo é o homem; ...o homem a quem nos endereçamos (ibid:9). O estilo para Buffon, era marcado pelo homem; para Lacan, há uma queda desse objeto, que revela como causa do desejo em que o “sujeito se eclipsa e como suporte do sujeito entre verdade e saber” (ibid:11), ou seja, o sujeito quando impõe endereçamento, cria seu estilo, colocando “algo de si”. Em Psicanálise, o estilo tem a ver com a causa de desejo, ou seja, aquilo que move o sujeito, que Lacan denominou de “objeto *a*”.

Uma das maiores contribuições da Psicanálise foi a conceituação do inconsciente. Lacan no Seminário 11 afirma que: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1998:25), onde este opera de maneira espontânea, “sozinho, de maneira pré-subjetiva”. É essa estrutura “que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável” (ibid: 26) e que dá apoio sólido no trabalho desenvolvido pelo analista. Estamos destacando aqui a importância do inconsciente, pois ainda nos Escritos, Lacan afirma que: “não há forma de estilo, por mais elaborado que seja, em que o inconsciente não abunde” (LACAN, 1998, [1966]:469). Se o inconsciente opera de maneira espontânea, subjetiva, pode ser acessado, mesmo que indiretamente, e não há nenhuma forma de estilo que pode fugir desta estrutura, significa que o estilo pode ser identificado em uma seção de análise. Podemos destacar também que numa seção de análise o analista também se endereça a alguém, ou seja, há o endereçamento do estilo do analista.

Podemos inferir que na análise há uma transmissão do estilo, ou seja, a transmissão do estilo do analista, ou o estilo como suporte do ensino da psicanálise. Kupfer afirma que “o estilo, nesse contexto, é a única formação que um analista pode transmitir o que subverte a idéia de ensino da psicanálise para os psicanalistas” (KUPFER, 2000:133). Podemos destacar ainda que Lacan abre o Seminário 11 falando sobre a “excomunhão”, onde foi expulso da sociedade psicanalítica, questionando “em quê estou eu autorizado?” (LACAN, 1988:9), afirmando, que estava em condições de dar continuidade ao seu ensino, ou seja, “dar continuação ao esse ensino que foi o meu” e na situação de refugiado só lhe restava “o estilo e reputação” (ibid:10).

No contexto da educação, também podemos nos perguntar: por quê estamos ensinando? Quem me autoriza a ensinar? Qual é o meu ensino? Qual é o meu estilo? Se pensarmos na presença do professor em sala de aula e na sua função, fazendo um paralelo com o analista durante o tratamento analítico, podemos dizer que tanto um como outro tem uma grande missão: levar o sujeito ao encontro do seu conhecimento.

Quinet em seu artigo “O estilo, a analista e a escola” afirma que “o estilo é a via da manifestação da verdade; o sintoma é outra, só que em momentos diferentes” (p.6). Essa manifestação da verdade se dá pela enunciação de cada um, no seu modo de viver, de falar, de escrever, de ser. Afirma também que “o estilo pode portanto ser considerado como a maneira que o sujeito lida com o seu sintoma, essa maneira passando pelo bem dizer” (ibid:7). Podemos

destacar aqui, que o estilo do sujeito, é algo que lhe é próprio, singular, único e que se efetiva por meio da fala.

Temos algo em comum na Psicanálise e na Educação, o sujeito desejante, o sujeito falante, portanto podemos perguntar então: como desenvolver um análogo na Educação a partir do modelo apresentado na Psicanálise da relação analista-analisando? Assim como o analista possui o seu estilo, e se endereça a alguém, o professor também possui o seu estilo e pode se endereçar a seus alunos. Para Kupfer, o “estilo de um professor será o seu modo de obturar a falta no outro” (KUPFER,2000:133) e destaca ainda que “o estilo, nesse contexto, é a única formação que um analista pode transmitir, o que subverte a idéia de ensino da psicanálise para os psicanalistas” (ibid:133). Portanto, se estilo é a única formação que um psicanalista pode transmitir, analogamente, no contexto da educação, podemos inferir que o professor também pode transmitir o seu estilo. Lembrando que transmitir não é copiar, não é seguir o modelo; o professor ao desenvolver seu papel, na sua enunciação, revela seu estilo, com isso, pode ajudar o aluno a desenvolver o seu próprio estilo.

Assim como a análise pode conduzir ao um “estilo”, levando o sujeito a lidar com o seu sintoma, no seu próprio jeito de ser, de agir, de viver, também na escola, a sala, pode ser o lugar para se discutir e desenvolver estilos. Aqui introduzimos o objetivo principal deste trabalho: “*o quanto o estilo do professor pode influenciar na construção do estilo do estagiário, no seu modo de ministrar aulas, como futuro professor?*” Para respondermos a essa pergunta, é necessário falarmos sobre formação de professores, refletir sobre como se dá a sua formação, a construção dos seus saberes docentes, a construção de um saber sobre “ser professor” e principalmente sobre a formação inicial. Portanto, o estágio supervisionado tem uma função primordial dentro da formação inicial desse futuro professor. Seja na fase de observação, ou seja, na regência, o estagiário tem a possibilidade de se colocar em profunda reflexão, construindo expectativas sobre ser professor, a partir da realidade e da observação de diferentes professores, ou seja, o estágio pode causar um certo impacto no estagiário, podendo influenciar, inclusive, na decisão futura do estagiário em querer ser professor ou não. Parece-nos que a grande maioria dos professores em serviço, entretanto, não sabe, ou não sente, a responsabilidade diante da formação desse futuro professor. “No interior de algumas escolas, os estagiários ainda são vistos como um incômodo, no sentido de quebrarem a rotina da sala de aula; ou, ainda, são vistos como um sujeito que está ali para tapar buracos, na ausência de algum professor” (BACCON, 2005). No entanto, não se pode esquecer que a formação do estagiário, futuro professor, também ocorre nesse contexto e, queira ou não, o professor acaba intervindo nessa realidade, promovendo, mesmo que inconscientemente, um lugar de identificação pessoal nessa relação; servindo até mesmo, de modelo ou ajudá-los a descobrir seus estilos.

Esse trabalho pretende apresentar algumas reflexões a respeito do *quanto o estilo do professor pode influenciar na construção do estilo do estagiário*, através da análise do impacto do estágio supervisionado, em particular a regência de classe, em sete estagiários do curso de Física da Universidade Estadual de Londrina. A análise se centrará principalmente nas impressões dos estagiários sobre as suas experiências como professor e sobre as atitudes do professor do colégio durante a realização do estágio supervisionado. A psicanálise de orientação lacaniana nos trouxe os principais conceitos com que a análise é realizada. A relação estabelecida entre o analista e o analisando durante uma análise nos inspirou para pensar a relação entre o professor e o aluno de forma semelhante. Assim como o analista pode transmitir um estilo ao analisando, buscaremos fazer uma analogia, na relação professor-aluno durante o estágio supervisionado, buscando perceber marcas desse estilo na fala dos estagiários que contribuem na sua formação.

METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Apresentamos aqui dados de uma pesquisa qualitativa (BODGAN E BIKLEN, 1994), relativos à disciplina Metodologia e Prática do Ensino de Física (Estágio Supervisionado) do curso de licenciatura em Física, da Universidade Estadual de Londrina, colhidos em 2006. A disciplina de Metodologia e Prática de Ensino possui uma carga horária de 170 horas sendo 68 horas teóricas e 102 horas práticas e é dividida em duas etapas: observação e regência. Para a realização das 102 horas práticas, os estagiários se dividiram em grupos de dois ou três alunos para realizarem as seguintes modalidades de estágio:

- Observação: os estagiários vão até as escolas de ensino médio e observam as aulas dos professores, o comportamento dos alunos, localização dos problemas didáticos, etc;
- Atendimento no museu: na UEL está localizado o Museu de Ciência e Tecnologia de Londrina. Alunos de todos os níveis escolares, desde o primário até o ensino médio, o visitam para ver experiências sobre ciência. Os estagiários vão até o Museu e observam este atendimento e em seguida praticam o ensino de ciência em um espaço classificado como não-formal;
- Regência de Classe: os estagiários fazem um plano de estágio, planejam suas aulas, escolhem o material didático e realizam suas regências em sala de aula.

O objetivo dessa disciplina é possibilitar ao estagiário, futuro professor de Física situações que contribuam para o exercício de sua profissão, possibilitando experiências didáticas inovadoras, em espaços formais (escolas) e não-formais (museu e centros de ciência), compatíveis com uma visão atualizada do ensino de Física. E para os interessados, o curso também promove uma iniciação à pesquisa na área de ensino de Física.

Para esta pesquisa foram realizadas entrevistas não-estruturadas, conforme descritas por Bogdan e Biklen (1994), com 3 (três) grupos de estagiários, tendo, no total, 7 (sete) estagiários envolvidos na pesquisa, todos do quarto ano do curso de Física. Para que seja resguardada a identidade de cada estagiário foi estabelecido um determinado código para referir-se a cada um. Os estagiários serão indicados pela letra maiúscula E, divididos da seguinte maneira: E1 e E2, compõem o grupo 1. E3, E4 e E5 compõem o grupo 2 e E6 e E7, compõem o grupo 3.

Os estágios foram realizados em colégios estaduais, na cidade de Londrina. Nos grupos, alguns estagiários trabalharam com o mesmo professor e, em alguns grupos, os estagiários optaram por trabalhar com diferentes professores. Mas em ambos os grupos, os professores apresentavam estilos diferentes na condução de suas disciplinas. Como vimos acima, o objetivo deste trabalho é analisar o quanto o *estilo do professor pode influenciar na construção do estilo do estagiário*, através da análise do impacto do estágio supervisionado. Portanto, buscaremos nos trechos retirados das transcrições das entrevistas, informações sobre as marcas do “estilo” do professor, percebidas pelo estagiário durante o estágio supervisionado e como ele se posiciona em relação a isso.

Durante a análise das entrevistas, foi possível perceber, que o estilo de três professores chamou muito a atenção de alguns estagiários que fizeram a observação em suas salas de aula. Para preservar a identidade também desses professores, chamaremos cada um por um símbolo: P1, P2, P3 e P4.

Para facilitar um pouco mais a análise e compreensão dos dados, apresentaremos esses dados por grupo. O grupo 1 é composto pelos estagiários E1 e E2. Ambos fizeram a etapa da observação com os dois professores: P1 que é do sexo masculino e P2 do sexo feminino. O grupo 2 é composto por três estagiários que chamaremos de E3, E4 e E5, ambos fizeram a modalidade de estágio de observação com o mesmo professor, que aqui chamaremos de P3. O grupo 3 é composto por duas estagiárias que aqui chamaremos de E6 e E7. Ambas fizeram a

observação com o professor também do grupo anterior P3 e com um novo professor que chamaremos de P4.

Grupo 1

Observações sobre o estilo de P1

E1, teve a oportunidade de fazer observação com um professor seu do Ensino Médio, vejamos o que ele percebeu:

E1 – P1 melhorou bem, comparando com a época que ele me dava aula, está bem melhor. Então, mas o professor está melhorando, está ficando bom. Só que ele deixa o pessoal meio solto, o que sempre foi o jeito dele, ele não é rígido. Nas provas geralmente todo mundo “bomba”, porque não estuda, daí ele dá a prova para fazer em casa e passa visto no caderno. Ele disse que foi a única maneira que ele encontrou de os alunos fazerem os exercícios, porque ninguém fazia. Ele sabe que uns fazem, outros copiam, mas pelo menos todos fazem.

Apesar de E1 afirmar que P1 melhorou da época em dava aula para ele, parece-nos que mesmo assim, seu estilo de dar aula, continua não agradando muito E1, pois afirma que esse “sempre foi o jeito dele”. Vejamos o que E2 pode observar de P1:

E2: Ele deixa muito solto. No momento que ele explica a turma fica tentando entender, mas na hora que ele começa a fazer alguma outra coisa, a turma se dispersa.

Podemos inferir que para E2, a forma como P1 conduz suas aulas, também não agrada muito esse estagiário.

Observações sobre o estilo de P2

No caso de P2, podemos inferir que seu estilo agradou ambos os estagiários. Vejamos:

E1: Eu observei que quando você faz uma aplicação da física e faz parte da vida deles, eles se interessam bastante, principalmente na aula da P2, que ela foi falar sobre a potência dissipada e daí perguntaram sobre o chuveiro, quanto tempo ela toma banho e quanto ela gasta por mês de energia e acabaram trazendo mais dados: “Ah, minha mãe reclama que eu fico no computador direto e gasto muita energia!”, daí a professora falou: “Vai lá e vê atrás, na plaquinha o valor da potência e trás para nós fazermos o cálculo na próxima aula”, e nisso todo mundo ali ficou com vontade. Está certo que tinha um grupinho lá no fundo que não queria nada com nada, mas, a maioria dos alunos estavam bem interessados. Na aula de P2 não tinha muito barulho não.

E ainda afirma que:

E1: P2 é mais rígida. Quando ela está passando no quadro ela deixa a turma conversar um pouco, mas ela sempre mantém o nível de organização da sala. Ela controla, ela tem o domínio da sala. Já o P1, acho que ele não é controlado.

Podemos perceber pela fala de E1, que P2, ao contrário de P1, consegue manter a ordem na sala, além de conseguir fazer relação da Física com o cotidiano do aluno. Vejamos o que E2 também pôde observar de P2:

E2: O interesse dos alunos do P1 era jogar futebol. Eles perguntavam em todo momento: “Quanto vale isso aqui?”, porque eles querem só a nota, só fechar o ano e acabou. Já com a P2 parece que eles têm um interesse a mais.

O Estágio Supervisionado é um momento muito importante para a formação do estagiário futuro professor, pois este tem a possibilidade de analisar o estilo que cada professor observado, fazendo inclusive paralelos com os professores que teve durante a sua formação também no Ensino Médio. Podemos verificar que E2, também faz alusão disso em sua fala, vejamos:

E2: Eu entrei porque queria mesmo ser professor. Meus professores de física foram bem ruizinhos e eu tenho capacidade de ensinar melhor do que eles. Muitos estavam quase se aposentando e outros eram professores de biologia dando física. Eu gostava das leis da física, mas os professores não contribuía. Eles deixavam mais bagunça que o professor da observação. Davam um exercício ali, eu tinha interesse, mas o professor não tinha.

Para os estagiários E1 e E2, o estilo de P2, se destacou mais do que o do P1, tanto que ambos afirmam que querem fazer a regência com ela.

Grupo 2

Observações sobre o estilo de P3

Como vimos acima, neste grupo, todos os estagiários observaram as aulas do mesmo professor, P3. Vejamos o que os estagiários perceberam:

E3 – Vamos falar do professor, porque na verdade o professor que nós tivemos a oportunidade de observar a gente foi muito feliz. O P3 é muito bom para dar aula, mas isso também é uma preocupação para gente, saber que a gente vai ter que substituir ele na aula, a gente tá bem preocupado com isso, porque ele consegue.

Podemos perceber pela fala de E3, que ele gosta do estilo do P3, dizendo inclusive que eles tiveram sorte de tê-lo escolhido, mesmo que isso gere certo desconforto, quando eles tiverem que substituí-lo, pois P3 consegue dar conta do recado. Podemos inferir que ambos os estagiários, admiram a forma como P3 “ensina” Física. Vejamos:

E3 – Ele procura explorar bastante o experimento, ele deixa a matemática meio de lado e parte para a física mesmo. Divertido ele, muito engraçado, ele trata o elétron, na questão de resistência alta ou baixa, a resistência alta é um elétron entrando num fio fininho, a resistência baixa é um elétron entrando num fio grosso, coisa que eu nunca tinha pensado, como que eu vou falar de carga para uma turma assim, eu achei ele bem criativo sabe.

E4 – Ele fala bastante a linguagem dos alunos, usando nomes sarcásticos.

E5 – Ele usa bastante o cotidiano, e dá exemplos bem chamativos. Ele trabalha bastante a criatividade.

Os estagiários desse grupo vão um pouco além, abrem uma discussão não só em torno do método que P3 utiliza, mas também do seu estilo, afirmando ainda que a indisciplina que há na sala, não é culpa do professor. Vejamos:

E3 – Bom eu não acho que o método dele que é bom, eu acho que ele é uma pessoa descontraída, mais eu acho que ele num ambiente mais favorável ele ia render muito mais, problemas assim, o professor está na frente da sala até o último aluno tem uma distância muito grande;

E4 – Ele é bem bacana como professor, como amigo.

E5 – Mais o problema não está no professor porque o método dele é muito bom, se fosse uma turma melhor com certeza.

E ainda afirmam que:

E3 – Nós vimos que, bom pelo menos falando por mim, não há problema pessoal do P3 com o problema da indisciplina. Problema no contexto social mesmo onde os alunos estão inseridos, não é problema com o professor. Na verdade eu conversei pessoalmente com alguns alunos fora da aula, todo mundo adora o P3, a aula dele, ninguém entende nada, mas todo mundo adora a aula dele, então o problema não é com a pessoa dele, mas com o contexto mesmo onde o aluno está inserido.

E4 – É característica dos alunos mesmo. Se o professor não fosse bom à situação seria bem pior, ele consegue contornar um pouco.

Portanto, para o grupo 2 podemos inferir que os três estagiários se identificaram com o estilo de P3, com o seu jeito de ensinar, enfim, de ser professor.

Grupo 3

Observações sobre o estilo de P3

Como vimos acima, um dos professores escolhido por este grupo, foi também escolhido pelo grupo anterior. Buscaremos, portanto, analisar se as falas em ambos os grupos sobre P3, são semelhantes. Vejamos:

E6: no geral assim, para mim é legal ver uma sala de aula. O bom é fazer por comparação que nem eu fiz com dois professores praticamente extremos, opostos um do outro. É porque em conteúdo os dois são muito bons, assim, a aula dos dois em si é muito boa, só que são extremos, o P3 é super brincalhão, ele não é nada formal nas palavras dele que nem, ele estava dando um exemplo de quantidade de movimento aí ele usava lá os nomes Zé Ruela, Oscar Alho, para brincar com os alunos. Já o professor P4 ele é extremamente rígido, além de ser rígido com os alunos, ele é extremamente formal nas palavras dele. Até anotei uma frase que ele falou, que eu achei muito assim: “posso elevar a imagem”. “Posso suspender”, ele

usa bem essas palavras, bem formal com o aluno. Além de ter sido dois extremos, o jeito dos alunos foi completamente diferente também. Enquanto o P3 estava lá, o conteúdo da aula dele era muito bom, ele era muito brincalhão, mas infelizmente os alunos eles não conseguiam ter aquele limiar entre a brincadeira e a bagunça completa. Já os alunos do P4, eles eram bem sérios, eles não podiam falar em sala de aula antes sem levantar a mão, toda pergunta tinha que ser argumentativa. Então assim, a condição que o professor colocava em sala de aula eu achei assim bem interessante.

Pela fala de E6, podemos confirmar, que aqui também nesse grupo P3 chama a atenção de E6, com o seu estilo e desenvoltura. No entanto, pela comparação que E6 faz com os dois professores, parece que eles têm estilos bem diferentes de ser e de trabalhar. Vejamos:

E6: Já o P4 não. O P4, como ele era muito rígido, e ele da pontuação por comportamento.

E7: “Eu não admito que ninguém fale”. Ele é bem rígido.

A modalidade de observação no estágio é tão importante, pois além de perceber o estilo de cada professor regente, os estagiários têm a possibilidade de irem formando o seu estilo e como querem atuar no papel de professor. Vejamos:

E6: Eu acho que se fosse possível, um meio termo entre os dois. Mas assim, por conteúdo, os dois são muito bons.

Pela fala de E6, podemos perceber que apesar de P3 e P4 serem dois extremos, ela ainda prefere “um meio termo entre os dois”, ou seja, marcas do estilo dos dois, porque como ela mesma afirma, em conteúdo os dois são bons. Encontramos também nesse grupo falas sobre P1, que de certa forma, confirmam o que o grupo 1 afirmou sobre o mesmo, vejamos:

E7: Nossa com o P1 quando eu assisti à aula dele, eu fiquei com uma dor de cabeça, que barulheira na sala, foi diferente com o P4.

Aqui também na fala de E7, podemos perceber que o estagiário tem a possibilidade de poder comparar e analisar as atitudes dos professores regentes, despertando ainda que inconsciente, nos estagiários o desejo ou não em ser professor:

E7: Sabe porque eu quero fazer a regência com o P1? Eu queria ver se eu consigo dominar aquela turma, se eu não conseguir ai eu falo: “aí, desisto! Não nasci para ser professora!” Eu acho, não sei, talvez eu conseguiria conduzir melhor a turma do que ele, eu queria tentar.

Pela fala de E7, podemos inferir que o estágio além de possibilitar ao estagiário estar diante de situações que podem ocorrer no interior e uma sala de aula, o estagiário pode se colocar numa posição reflexiva, despertando o interesse em intervir em determinadas situações, com a certeza que agiria, ou teria uma postura completamente diferente da do professor regente.

ANÁLISES

O objetivo deste trabalho é buscar algumas contribuições da Psicanálise à Educação, fazendo uma analogia do estilo do analista com o estilo do professor. Diante disso, podemos destacar aqui, que o que fundamenta a práxis do analista é o que se pode esperar dele. A psicanálise só se sustenta por meio do “ser analista”, assim como a educação só se efetiva de fato quando o sujeito exerce de fato o “ser professor”.

Buscar na Psicanálise respostas para alguns sintomas que encontramos na Educação é abrir as portas para se caminhar em novos campos. Portanto, dentro deste campo, temos como pilar principal o “desejo” dos sujeitos envolvidos nesse processo. Como diz Harari: “ser psicanalista é enfrentar-se com a ordem constituinte do desejo. Por isso, colocamos como pivô central da análise... o desejo do analista” (p.150). Analogamente, eis aqui então o primeiro passo: considerarmos o desejo do professor, lembrando é claro que: “o desejo do analista não é desejo de ser analista, nem tão pouco é o desejo de cada analista (ibid:151), portanto no campo da educação, o desejo do professor não é desejo de ser professor, nem tão pouco é o desejo de cada professor. No contexto da Psicanálise é se endereçar ao outro, é uma função à qual o sujeito oferece o seu ser. “O desejo do analista - nos diz Lacan – é aquilo sobre o qual se funda o campo de nossa prática. Isto é importante, porque implica considerar que não é só o desejo do analisando o fundante. Quem vem como analisando chega, e faz sua transferência. O novo é esse acento lacaniano: não que o desejo do analista tenha seu próprio estatuto, mas o circunscrevê-lo como o próprio pivô da análise” (p.151). Ou seja, o desejo do analista é o que sustenta a prática de ser analista. Portanto, no contexto da Educação, não podemos desconsiderar o desejo do professor, pois analogamente, é isso que fundamentaria também a prática docente.

A partir do desejo do professor, e da sua prática em ser professor, é que se desenvolve o estilo de cada professor. Como nos diz Lacan, “o estilo é o homem a quem nos endereçamos”; na prática do ser professor, há também um endereçamento a alguém, ou como nos diz Kupfer: “ao contemplar o professor no exercício de seu estilo próprio de apropriação do objeto de conhecimento, um aluno construirá e se construirá em um estilo cognitivo próprio” (KUPFER, 2000:129). Portanto, podemos inferir aqui, que é na práxis do ser professor que se dá a formação de seu estilo, e não somente dele, mas também daqueles a quem ele se endereça, seja ele um aluno ou um estagiário, enfim, pode ser qualquer pessoa, que permeie essa relação.

Aplicando tais idéias aos nossos dados, podemos perguntar: *quanto o estilo do professor pode influenciar na construção do estilo do estagiário?* Para que o estagiário construa e se construa em um estilo, observando o professor no seu exercício, durante o desenvolver do estágio supervisionado, este precisa ser capturado pelo estilo do professor. Por exemplo, no caso do grupo 1: E1, teve a possibilidade de fazer a observação com P1, que já tinha sido seu professor quando era aluno no ensino regular e este afirma que “esse sempre foi o jeito dele”, mas que nunca gostou do seu estilo, e tanto ele quanto E2, gostaram mais do estilo de P2, que ambos afirmam que querem fazer a regência com ela. Marcas do estilo de P1 também foram registradas no grupo 3, só que também com uma certa rejeição por E7.

No grupo 2, os estagiários observaram as aulas do mesmo professor, o P3. Já no início da fala dos três estagiários que compõem esse grupo, eles afirmam que foram muito felizes de terem escolhido esse professor, que ele é muito bom. Tanto E3, E4 e o E5, afirmam que não é só o método por ele utilizado que é bom, é o jeito (estilo) dele mesmo que é bom. Portanto, para o grupo 2, podemos inferir que os três estagiários se identificaram com o estilo de P3, com o seu jeito de ensinar, enfim, de ser professor.

É interessante ressaltar aqui, que o estilo de P3, é novamente destacado no grupo 3, por um dos estagiários (E6) que compõem esse grupo, que na comparação que faz de ambos afirma que:

[...] o P3 tem o lado bom que é assim, o que o aluno pensar, ele vai perguntar para o P3, porque ele tem uma certa intimidade maior, então o que ele pensar, tipo, saia umas perguntas absurdas, mas saia, qualquer pergunta saí. Já o P4, como ele exige do aluno

que a pergunta seja argumentativa, é bom por um lado que ele instiga o aluno a ser crítico, só que é ruim por que o aluno fica com medo de fazer a pergunta, porque a toda pergunta, ele faz a pergunta: por que você esta perguntando isso?

Apesar de E6 afirmar que ambos os professores serem bons em conteúdo e ter gostado tanto do estilo do P3 como o do P4, mas um é o extremo do outro, ela deixa claro que melhor seria “um meio termo entre os dois”, ou seja, marcas dos dois estilos. Já no caso de E7, podemos inferir, que ela se identificou mais com o estilo de P4 que é mais rígido, tanto que afirma que quer fazer a regência com P1, da qual não gostou nenhum do seu estilo, só para verificar se consegue “dominar aquela turma”, ou seja, mostrar que possui aquilo que na sua visão, falta para P1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos acima, é no contemplar o outro (professor) no exercício de seu estilo próprio, que um sujeito, aqui no nosso caso o estagiário, pode construir e se construir em seu estilo. Portanto, o estágio supervisionado é muito importante, pois além de perceber o estilo de cada professor regente, os estagiários têm a possibilidade de irem formando o seu estilo e como querem atuar no papel de professor. Além disso, o estagiário tem a possibilidade de poder comparar e analisar as atitudes dos professores regentes, despertando ainda que inconscientemente, seu desejo em ser professor.

Diante das reflexões apresentadas neste trabalho e apesar dos desencontros, e mais variados discursos postos na atual sociedade, que concorrem de maneira desigual com a educação, a universidade, enquanto instituição formadora de educadores tem, a difícil tarefa de tentar diminuir a distância que existe entre ela e a sociedade, entre o estagiário e o professor, para que se possa, ainda que em futuro longínquo, ajudar a tornar cada sujeito que por ela passar, responsável por suas escolhas, desejos e com seus estilos construídos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, S. M. *Entre a inércia e a busca: reflexões sobre a formação em serviço de professores de Física do Ensino Médio*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da USP, São Paulo. 230p., 2001.

BACCON, Ana Lucia Pereira. O professor como um lugar: um modelo para análise da regência de classe. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Universidade Estadual de Londrina. 2005. 166p.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HARARI, R. *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

KUPFER, M. C. Uma educação para o sujeito. In: *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta, 2000.

LACAN, J. O Seminário, Livro 11. *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

QUINET, A. *AS 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

QUINET, A. *O estilo, o analista e a escola*. Disponível em: <http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/mag/archives/paris2000/texte84.html>. Acesso em: 17/06/2007.

VILLANI, A. O professor é como um analista? Ensaio, 1999.